

VOZ de ANTAS

BOLETIM PAROQUIAL — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

TAXA PAGA
4900
LANHESESDIRECTOR e EDITOR
M. Brito FerreiraADMINISTRADOR
A. FariaPropriedade da Fábrica
da Igreja Paroquial de
S. PAIO DE ANTASRedacção:
CENTRO PAROQUIAL
Telef.: 871438/871130/871357Fotocomposição e Offset:
Tip. Diário do Minho — BRAGA

«Voz de Antas» faz 31 anos

«Voz de Antas» completa em 30 de Novembro, 31 anos de vida.

Cada aniversário é mais uma etapa na caminhada que se iniciou com o P. Apolinário Rios, seu fundador, em 1959.

Aproveitamos esta data para agradecer a dedicada colaboração de tantos amigos e prometemos o nosso melhor na feitura do jornal. Durante estes 31 anos procurou ser uma presença amiga junto de todos os filhos desta terra. Procurou falar da sua vida e das suas realizações, falando assim da fé dos seus filhos!... Assim espera continuar! Parabéns!...

S. Paio D'Antas e a Congregação do Espírito Santo

Já lá vão quase 60 anos sobre o primeiro «sopro» que originaria, inicialmente, uma simples aproximação e, mais tarde, uma ligação íntima entre a nossa paróquia e a Congregação do Espírito Santo.

Foi precisamente em 1932. Um menino de S. Paio acabara de fazer o seu exame de 4.ª classe, cuja preparação tinha despertado nele o desejo íntimo de mais e melhor saber. Ser padre era o seu ideal.

Época difícil para a realização de sonhos de quem quer que eles fossem, mas muito mais para os nascidos no coração de uma criança que tão cedo havia começado a sentir, na própria pele, as agruras da vida.

O pai, como o de tantos outros, tendo o filhinho ainda escassos meses, deixara a terra e o lar, partindo para a Argentina à procura de trabalho que

garantissem, no futuro, um mínimo de segurança a si mesmo e à família. A mãe, com todas as privações gerais, próprias do tempo, mais as das novas circunstâncias, lá ia, como as demais, fazendo frente à vida, primeiro sozinha, depois aproveitando ao máximo, como todos, a ajuda indispensável dos filhos.

Por tudo isto, só um ano mais tarde, o Manuel Augusto receberia o «sim» definitivo...

Entretanto, para não esquecer o que havia aprendido com o seu professor Torrinhos, fora frequentando o recém-nascido Colégio de Belinho, enquanto a mãe e a tia Arminda da Cega iam fazendo as suas «démarches» para que tudo chegasse a bom termo.

O Sr. P.º Albino A. Pereira, então abade de Belinho e antigo espiritano, foi o elo de ligação entre o neo-candi-

dato ao sacerdócio e a Congregação do Espírito Santo que, de harmonia com o espírito do Venerável Padre Libermann, se dedicava à evangelização dos povos mais abandonados.

Em Outubro de 1933, este pequenino «grão de semente», germinado em S. Paio, partiu, de saco às costas, para a estação de Barrozelas, onde tomaria o comboio rumo a Godim, nos arredores da Régua, para dar início ao 1.º ano da longa caminhada que o levaria à meta final.

A sua vida, durante férias, em tudo semelhante à levada antigamente, ajudando a mãe e a irmã nos trabalhos do campo, e o seu espírito de jovem alegre e brincalhão cedo começaram a criar impacto no coração de outros meninos, com quem já «espigado» brincava

(Continua na Pág. 4)

Pinceladas sobre o Morgadio da Portela de Belinho

OS ALIADOS DOS ROCHAS

VI

(continuação)

Nestas redondezas, os únicos nobres utentes do respeitável apelido Pereira, com legal permissão de, entre outros privilégios, armar homens por sua conta e risco, eram os senhores do Couto de Mazarefes e do padroado da sua igreja, a qual ostenta, na face exterior da parede voltada a Sul, o brasão desta família.

Além do citado Couto, cuja localidade pertenceu durante alguns séculos ao termo de Barcelos, os senhores de Mazarefes eram ainda donatários do Couto de Paradela e do de Castro, bem como do padroado de S. João da Ribeira, no termo de Ponte de Lima.

Directos descendentes de uma irmã do Condestável D. Nuno Álvares Pereira — mais uma componente dos trinta e dois irmãos que compunham esta numerosa e célebre «irmandade» — esta senhora, havia casado com um fidalgo que, postado na sua fortaleza, situada algures na margem do rio Minho, velava pela segurança do reino, nesses tempos difíceis.

Consta que alguns elementos desta destacada família foram aliados dos Rochas em vários empreendimentos e, além do mais, seus cúmplices no assassinato dos dois irmãos, Martin e Fernão Velho, cujos crimes foram

sucintamente descritos no capítulo IV. Nessa época, era seu donatário Fernão Pereira, casado com D. Maria Vasques Malheiro e, por morte dele, seu filho, Jorge Pereira, casado com D. Isabel Pires Cerqueira, filha dos senhores da Torre de Refóios do Lima.

A Jorge Pereira sucedeu seu filho Gaspar Pereira, o qual mandou construir em 1579, na capela-mor da citada igreja, do lado do Evangelho, o jazigo da família que inseria uma inscrição latina, constituída por cinco linhas, onde eram enaltecidas as qualidades

(Continua na Pág. 3)

EM MAIO

Papa vem a Portugal



Acedendo ao convite das autoridades civis e dos Bispos de Portugal, Sua Santidade o Papa efectuará uma visita pastoral a algumas dioceses do nosso país, de 10 a 13 de Maio de 1991.

Preve-se que Sua Santidade visite especialmente as dioceses de Angra do Heroísmo (Açores) e do Funchal (Madeira).

Além disso, João Paulo II tomará parte na peregrinação de 13 de Maio ao Santuário de Fátima e presidirá a uma solene concelebração eucarística em Lisboa.

JOVENS EM CAMINHADA

CATEQUESE

Os Jovens em caminhada partem à descoberta de um novo ano, com a festa do seu aniversário: 16 de Outubro de 1988. Dois anos. Parabéns. O dia 13, um Sábado, foi o dia da festa, festa de todos aqueles que quiseram festejar, viver. Ao longo da tarde, juntos, os jovens recordaram certamente, as suas origens, como grupo, sentaram-se à mesma mesa, participaram na Eucaristia e a festa continuou... Orgulho de muitos, felicidade de alguns, juventude de todos.

Novo ano, novas ideias, novos projectos, as amizades solidificam-se, crescem. Tudo é diferente, na diferença que permanece: a juventude.

19, 20 e 21 de Outubro. Encontro de formação de animadores, em Apúlia. Participaram três elementos do nosso grupo, procurando desta forma, novos grupos, novos jovens, colher experiências diferentes, novos conhecimentos, formas de trabalho, enfim, o convívio como manifestação do que somos e queremos.

No dia 4 de Novembro, onze jovens de Palme, estiveram conosco para partilharem conosco alguns momentos das nossas habituais reuniões. Também eles quiseram viver e «voar» em grupo. Parabéns. Coragem.

O Magusto. Um bom pretexto para uma tarde divertida, um pinhal, uma

fogueira, uma fogueira e umas castanhas mais ou menos deliciosas, mais ou menos cruas, e uma boa dose de alegria. Alegria? Muito mais.

Aproxima-se o inverno, que nos convida para a grande festa do Natal. À semelhança do ano transacto, os jovens em caminhada animarão esta quadra natalícia, com a tradicional festa do menino, que incluirá o «peditório» no dia um de Dezembro, o arranjo e enfeite da igreja, a novena do menino, e outras iniciativas que adiante divulgamos. A festa é de todos e todos podemos viver intensamente os momentos que esta quadra nos oferece.

Nós, entretanto, continuamos a ser jovens. Todos o podemos ser.

14, 15 e 16 de Setembro, Encontro de Catequistas em Darque. Tema: Viver em Comunidade, em tempo de mudança, seguindo Jesus Cristo ao ritmo do Evangelho.

O encontro de catequistas, que se realiza todos os anos, visa a programação e organização da catequese para que o ano catequético tenha um proveito cada vez maior, mais motivador e cativante. Sendo o pólo dinamizador da mensagem cristã, de evangelização da comunidade a cargo de catequistas, dos pais e do pároco, a colaboração entre os diversos intervenientes deve ser estreita e atenta.

É um espaço de reflexão, de debate, de partilha de ideias, valores, aspira-

ções, de abertura, essencialmente, ao que nos ladeia e com que vivemos, uma compreensão da vida e do mundo numa perspectiva cristã e, ao lado das crianças, acompanhando-as na sua inserção na comunidade; nas actividades da comunidade, mais importante. É tarefa de todos. Um desafio para todos.

A nossa participação é e deve ser, imperiosamente, activa, empenhada em todos os aspectos da vida comunitária, sublinhando, é claro, o ingrediente responsável. Desta forma viveremos em uma comunidade.

Um novo ano se iniciou, e da melhor forma possível, no entanto, a colaboração de todos pode, ainda, ser maior. Sejamos responsáveis.

A morte marcou encontro

JOSÉ MANUEL DE JESUS TEIXEIRA, filho de Manuel José Teixeira e de Laurinda de Jesus, encontrou a morte aos vinte e três anos de idade, vítima de um condutor assassino e irresponsável.



Falar do Jorge é difícil, porque podem pensar que estamos a colorir a vida dele, mas a verdade é que ele era um jovem ímpar. Raramente se encontra alguém com as qualidades que ele tinha.

Natural da freguesia de Rio Tinto — Porto, viveu a sua infância nos arredores de Ponte de Lima, tendo vindo residir para a nossa freguesia há cerca de oito anos.

Devido à sua enorme timidez, tinha poucos amigos, mas sinceros. Era um jovem a quem não se conheciam vícios. Não sabia o que era a maldade ou a maldade. Para ele todos tinham lugar no seu coração. O seu sorriso e simpatia era contagiante. A sua vida era duma simplicidade e o seu coração tão puro que me atrevo a dizer que tinha um coração de criança num corpo de homem. Por mais cansado que estivesse estava pronto a ajudar os que dele precisavam. Quantas vezes passou os tempos livres, que muitos desperdiçam nos cafés, na companhia da família, fazendo pequenos trabalhos que as suas mãos habilidosas nunca deixavam por acabar. Era o filho, o irmão, o tio mais estimado e querido, porque nunca se lhe ouviu uma má resposta, o seu sorriso era a resposta. Começara há poucos meses a fazer planos para o futuro, pois tinha conhecido uma jovem com os mesmos ideais. Sentia-se pela primeira vez feliz. Mas Deus não quis que essa felicidade fosse duradoura. No seu caminho cruzou um irresponsável e para ele acabou a caminhada terrena. O seu coração puro deixou de bater. Com ele desceu à terra um pouco de cada um de nós que com ele convivemos.

Pais, irmãos, cunhados, sobrinhos, amigos, noiva e vizinhos, todos choramos a sua morte. Fica um grande vazio dentro de nós. Deixamos de ter um Bom Amigo.

Pedimos ao Senhor que receba a sua Alma e lhe dê o Descanso Eterno.

Jorge, Descansa em Paz. Nas nossas orações jamais te esqueceremos, até que um dia nos encontremos todos a teu lado.

SEBASTIÃO ALVES DA CRUZ, nasceu no Lugar do Monte, a 20/10/1906, filho de Domingos Alves da Cruz e Maria Rodrigues Viana.

Muito cedo inicia a sua vida, inteiramente dedicada ao trabalho, passando por algumas casas de lavoura da freguesia; como criado de servir do Sr. José Neiva, jornalista do Sr. Carvalho, e mais tarde «guardador» das Bouças do Sr. Manuel Martins Viana. Emigrante em França, para onde parte em 1929, trabalhou na construção dos caminhos de ferro.

Do casamento com Olinda Gonçalves Ribeiro (falecida em 1988), nascem os filhos José, Emílio e Manuel.

Na parte final da sua vida, e ainda acompanhado da esposa, vai viver para junto de seu filho José, no lugar da Estrada, onde permanece quatro anos.



Por sua vontade quer acabar os seus dias na sua casa, no sítio da Torre no Lugar da Pereira, onde veio a falecer no dia 07 de Setembro.

Eis o percurso da vida simples de um homem humilde, mas honesto e bom.

DOMINGOS ALVES DE AZEVEDO, faleceu no dia 5 de Outubro, na sua casa, no Lugar de S. Paio de Cima. Filho de José Alves de Azevedo e de Ana Gonçalves Ribeiro, nasceu há 59 anos, no Lugar de Azevedo, onde viveu e trabalhou com seus pais nas lides do campo, até a data do seu casamento com Arminda Rodrigues Sampaio, indo então viver para o Lugar de S. Paio de Lima.



Tendo emigrado para França, aí trabalhou durante vários anos, em busca de melhores condições de vida. Quando regressou para gozar merecida reforma, foi acometido por doença que o viria a vitimar.

Que Deus lhe dê a recompensa de seus trabalhos.

BÁSILIO GONÇALVES PORTELA, faleceu no dia 26 de Outubro. Tinha nascido em 28 de Maio de 1908, no Lugar da Guilheta, filho de Manuel Gonçalves Portela e Maria Alves Moreira.

Tendo ficado órfão de mãe, muito cedo sentiu as agruras da vida naqueles tempos tão difíceis e tão diferentes de hoje.

Casou em Setembro de 1935 com Maria Adelaide da Costa Pereira. Desse casamento nasceram os filhos Alice, António, Basílio e Manuel. Para os sustentar, trabalhou duramente, tendo inclusive trabalhado na construção da Ponte da Arrábida.

Depois da morte da mulher, ocorreu em 28 de Dezembro de 1985, passou algum tempo em França, na casa dos filhos, tendo voltado para junto da filha Alice, há alguns meses.

Na noite de 26 de Outubro desapareceu da sua residência. Após prolongadas buscas, foi encontrado afogado no rio Neiva, no dia 28 do referido mês.

Que Deus o acolha junto de Si e o recompense de todos os seus sofrimentos.

Por tão trágica ocorrência Voz de Antas apresenta à família sentidos pêsames.



MANUEL DE SÁ, faleceu no dia 4 de Novembro, na sua residência, no Lugar de Guilheta, após prolongado sofrimento.

Havia nascido no Lugar de Guilheta, em 1 de Março de 1917, filho de António de Sá e Emília Alves Moreira.

Em 8 de Novembro de 1942 casou com Deolinda Dias Ferreira, também residente no Lugar de Guilheta.

Deste casamento nasceu um filho, Fernando Ferreira de Sá.

Toda a vida trabalhou na agricultura, sendo uma pessoa muito simples, sempre pronto a dar a sua ajuda se necessário.

Vítima de doença incurável, partiu para junto do Pai, onde receberá a recompensa dos seus trabalhos.

À família, «Voz de Antas», apresenta sentidas condolências.

Receita e Despesa da festa de S.ª Tecla do ano de 1990

RECEITA

Lugar de Cima e Igreja	4.500\$00
Lugar do Monte	55.750\$00
Lugar de Pereira	34.000\$00
Lugar de Azevedo	69.500\$00
Lugar da Estrada	53.200\$00
Lugar de Belinho	55.660\$00
Lugar de Guilheta	693.700\$00
Emigrantes	270.000\$00
Esmola do S. Miguel	128.000\$00
Castelo do Neiva	300.000\$00
Câmara Municipal	100.000\$00
Tascos e vendedores ambulantes	49.300\$00
Forasteiros	55.390\$00
Total	1.871.000\$00

DESPESA

Programas	13.000\$00
Correspondência	14.300\$00
Câmara	8.350\$00
Seguros	24.700\$00
Fanfarras	35.000\$00
Transportes	13.000\$00
Transmissão dos Ranchos	30.000\$00
Cavalos da G.N.R.	46.800\$00
E.D.P.	63.000\$00
G.N.R.	52.800\$00
Arraial	180.000\$00
Conjunto	130.000\$00
Zés Pereiras	103.000\$00
Bandas de Música	680.000\$00
Ranchos	122.500\$00
Andores	35.000\$00
Fogo	290.000\$00
Total	1.841.450\$00
Receita	1.871.000\$00
Despesa	1.841.450\$00
Saldo Positivo	29.550\$00

Este saldo foi entregue à Comissão Fabriqueira, para beneficiação da Capela.

COMISSÃO DE FESTAS PARA O ANO DE 1991

António Caramalho Pires; Martinho Lapeiro Caramalho; Manuel da Torre Rolo; Manuel José da Torre Cardante; Carlos Alberto Viana da Silva; Albino Torres Pereira; Hilário Caramalho Pires; Adélio Lapeiro Caramalho.

Abastecimento domiciliário de água

Também prosseguem os trabalhos de colocação de tubagem da rede geral para o abastecimento domiciliário de água à freguesia. Sendo uma obra de largo alcance, pena é que alguns caminhos por onde as condutas têm que passar, fiquem temporariamente quase intransitáveis. Mas esperamos que em breve tudo volte à normalidade, e para bem de todos.

Casamentos EM FRANÇA

Sebastião da Costa Enes, 27 anos, filho de José Enes e Elvira Barros da Costa, casou a 27 de Outubro, na igreja de Nesploy, França, com Marie-Angèle Carmen Delacour, 22 anos, filha de Paul Maurice Désiré Delacour e de Losada Angeles, de nacionalidade francesa.

Não casou em Junho, como noticiou «VA», Daniel Laranjeira Pereira, 24 anos, filho de Manuel da Costa Gonçalves Pereira e de Carolina Meira Pires Laranjeira, com Sílvia, 24 anos.

Frente Solidária da «Voz de Antas»

Manuel Augusto Sampaio — França	1.000\$00
Fernando de Azevedo Moreira — Suíça	1.000\$00
Cândida Alves Moreira — França	500\$00
José Fernando Capitão — França	5.000\$00
Álvaro Meira Laranjeira — França	1.000\$00
António Xavier da Costa — Estrada	500\$00
José Torres dos Santos — França	1.000\$00
Alzira da Cruz Viana — Monte	1.000\$00
Horácio Laranjeira e Amélia — França	1.000\$00
Mário de Sá e Lucília — França	1.000\$00
António Henrique Pereira Alves — Porto	2.000\$00
Francisco Rodrigues Meira Torres — França	500\$00
Maria Gonçalves — Belinho	500\$00
Empreiteiro Lagé — Meadela, Viana do Castelo	3.000\$00
Manuel da Costa Laranjeira — Monte	500\$00
Manuel Pereira Ferreira — Guilheta	500\$00
Manuel da Costa Araújo — França	1.000\$00
Armando da Costa Araújo — Austrália	1.000\$00
José Enes — Estrada	500\$00
Manuel de Barros Gregório — Alverca	1.000\$00

Norberto Rodrigues Meira — Matosinhos	1.000\$00
Manuel de Barros Alves Pereira — França	1.000\$00
Maria Alves Pedreira — Guilheta	500\$00
Alexandrino Pires Laranjeira — Guilheta	500\$00
José Xavier da Costa — Estrada	500\$00
António Rodrigues — Estrada	1.000\$00
Domingos da Silva Salgueiro — Estrada	500\$00
Ricardina Cunha — França	2.000\$00
Ermelinda Vieira Torres Lima — Azevedo	500\$00
Manuel Martinho Viana Caramalho — Monte	500\$00
Mário Viana Alves Machado — Porto	1.000\$00
António Viana Torres — Forjães	1.000\$00
Paulina da Cruz Ferreira — França	500\$00
Maria da Glória Pires Quintas — França	1.000\$00
Cândida Faria Neiva — França	2.000\$00
Manuel da Silva Neiva — Azevedo	500\$00
Arminda Rodrigues Sampaio — Cima	1.000\$00
Lúcia Pereira Cardante — França	500\$00
Rosa da Costa Pereira — Guilheta	500\$00
Manuel Gonçalves Chasco — França	1.500\$00

Manuel Alves Caseiro — Guilheta	500\$00
António Alves da Cruz Faria — Azevedo	500\$00
José Manuel Viana da Cruz — França	1.000\$00
Manuel Victor Caramalho Pires — Portimão	1.000\$00
Manuel da Costa Rolo — Azevedo	500\$00
Arlindo Viana e Aida — Argentina	5.000\$00
Rosalina dos Santos Neiva — Monte	500\$00
Maria Amélia Laranjeira Afonso — França	1.000\$00
Victor Manuel da Venda Lopes — Fonte Boa	500\$00
José Alves Rolo Afonso — Azevedo	500\$00
Manuel Crespo — Argentina	3.000\$00
Rosa Dias — Guilheta	500\$00
Luciano da Cruz Viana — Azevedo	1.000\$00
António Faria Viana — Monte	1.000\$00
Jacinta Faria Viana — Forjães	500\$00

(Continua)

A Administração agradece

OPINIÃO LIVRE

Serenamente...

Não vão bons os tempos para quem pensa pela sua cabeça, não se deixa manipular, não aceita andar em manada.

Não vão bons os tempos para quem prefere a dedicação ao trabalho ao folclore da vida social ou ao passatempo da intriga política.

Não vão bons os tempos para quem permanece fiel à palavra dada e aos compromissos assumidos.

Não vão bons os tempos para quem se quer manter fiel a valores e a princípios em que acredita.

Não vão bons os tempos para quem evita o jogo dos interesses, das conveniências, das manobras de bastidores.

Não vão bons os tempos para quem se não apresenta como convém na feira de vaidades em que teimam converter o mundo de hoje.

Não vão bons os tempos para quem se não deixa moldar nem embalar pelas brisas de momento.

Não vão bons os tempos para quem pensa que os homens devem ajoelhar diante de Deus e permanecer de pé diante dos outros homens.

Não vão bons os tempos para quem teima em não viver de habilidades, de arranjos, de influências.

Não vão bons os tempos para quem tem a «ousadia» de denunciar a corrupção, o clientelismo, o compadrio, o oportunismo, o abuso do poder, o seguidismo.

Não vão bons os tempos para quem se recusa a envergar a indumentária ideológica que lhe querem impingir nem a pintar os seus comportamentos.

Não vão bons os tempos para quem continua a acreditar que a linha recta é a mais curta distância entre dois pontos.

Não vão bons os tempos para quem teima em se não vender, em não fazer fretes aos detentores do poder, em não ser moço de recados, em fazer o que entende que deve fazer e não em cumprir ordens dos novos ditadores travestidos de democratas.

Mas quando foi que no reino da cobardia e da prepotência se sentiram bem os que permaneceram iguais a si mesmos?

S. A.

*

Afirmou há dias Paulo Portas que os políticos «não podem querer que sejam divulgadas as suas virtudes e não os seus defeitos».

Penso que um político não pode ser, apenas, um indivíduo que aspira ao poder mas alguém que sabe usar esse mesmo poder.

O político, como qualquer outro cidadão, não pode esquecer as normas da Moral e do Direito. Se ocupa um lugar cimeiro tem, inclusivamente, o dever de dar exemplo aos outros, o que significa o dever de mostrar, na prática, que, de facto, não vale tudo.

Mais do que um homem de habilidades e de influências, quem se dedica à política há-de ser, sobretudo, um homem de princípios, o que significa que a arbitrariedade há-de ser banida dos seus processos de actuação.

Vem a propósito recordar que o poder é para ser exercido a favor do bem comum, o que, à partida, põe de lado o clientelismo e o compadrio. Isto seja a que nível for. O político é o homem que serve, e não o indivíduo que se aproveita em benefício próprio ou dos seus correligionários.

Ter o poder não significa ter o direito de fazer o que quer. De dizer o que lhe der na gana. De perder as estribeiras e disparatar. De pretender mandar em tudo e em todos, como se os outros não passassem de bonecos. De ser malcriado e de insultar. De não respeitar a legítima liberdade de opiniões. De se não controlar e não dominar os nervos.

Ter o poder não dispensa ninguém de ter boas maneiras, de reconhecer os erros, de os emendar, de pedir desculpa. O tal exemplo a dar até o impõe.

Tenho reparado que o uso do poder torna certas pessoas arrogantes, agressivas, fanáticas, intolerantes, e é pena.

Homem como os outros, o político também tem defeitos, naturalmente. É bom que tome consciência disso para que se não endeuse.

Há defeitos de políticos que a comunidade tem o direito de conhecer. Também para que os não idolatre e para que, ao depositar o voto, veja a quem dá o poder.

S. A.

N.R. — Os artigos inseridos nesta Secção são da responsabilidade dos seus autores, embora muitas vezes não coincidindo com a orientação editorial do jornal.

Ofertas para Obras Paroquiais

(RESTAURO DA SACRISTIA NORTE DA TRIBUNA)

Viana & Filhos.....	50.000\$00
Basília de Azevedo Viana	10.000\$00
Mário Salgueiro, França	7.000\$00
Alguém do Monte	5.000\$00
Isabel Azevedo	2.000\$00
Esménia de Jesus Costa, Guilheta	5.000\$00
Manuel Gonçalves, Estrada	5.000\$00
Lucinda Faria Viana, Monte	44.000\$00
José Enes, Estrada	5.000\$00
Albina Vicente Carneiro, Guilheta	10.000\$00

(Continua)

PINCELADAS SOBRE O MORGADIO DA PORTELA DE BELINHO

OS ROCHAS — SUA ORIGEM E CARÁCTER

(Continuação)

Vem da 1.ª pág.

da estirpe dos Pereiras de Mazarefes, cotados como descendentes de heróis muito ilustres. Esta inscrição desapareceu, dando lugar a outra, alusiva ao seu fundador.

Não obstante esta família ter sido extinta na pessoa de Jorge Pessanha Pereira há mais de dois séculos e meio (1737), continua a manter-se a tradição de, no dia do padroeiro, S. Nicolau, durante a celebração da missa, abrirem o túmulo, onde são colocadas velas acesas, símbolo de veneração pelas cinzas ali contidas.

D. Beatriz ou Brites Pereira, filha do citado Jorge Pereira, casou em Lama, Barcelos, com Pedro Lopes de Azevedo, décimo nono senhor do Couto de Azevedo, décimo donatário da vila de Souto, padroeiro de Santa Maria de Galegos, Moço Fidalgo da Casa Real, etc.

Quando, cerca de duzentos anos mais tarde, na citada data de 1737, a família se extinguiu em Mazarefes, os Coutos e padroados, que lhe haviam pertencido, passaram para os senhores do Couto ou Torre de Azevedo.

O filho primogénito de Pedro Lopes de Azevedo e de D. Beatriz, Martim Lopes de Azevedo, tomou acérrimo e entusiástico partido por D. António, Prior do Crato, quando este pretendente ao recém-vago trono português se auto-proclamou rei de Portugal. Este efémero e atribulado rei, falho de dinheiro, desprovido de exército e marcado pelo aviltante ferrete da bastardia, estava longe de possuir trunfos que lhe permitissem competir com rivais da envergadura de seu primo, D. Filipe II, rei de Castela.

Assim, quando o duque de Alba, grande estratega militar castelhano, atravessou com as suas tropas a raia alentejana, marchando em direcção a Lisboa, onde já o esperavam alguns navios de apoio, D. António não teve outra alternativa que não fosse solicitar auxílio militar aos monarcas inglês e francês.

Tanto um como outro corresponderam ao seu apelo, comprometendo-se a enviar-lhe tropas para salvar a situação e o consolidar no trono que tentavam arrebatar-lhe, só que o preço, pelo qual o faziam, era altamente exagerado, sobretudo o proposto por Catarina de Médicis que, pelo envio das tropas francesas, exigia em troca a posse do Brasil.

D. António, cuja ambição de ser rei suplantava a da rainha dos franceses relativa à posse do cobiçado Império Sul-americano, sujeitou-se à imposição.

Todavia, para o bem armado e treinado exército castelhano, o pequeno exército português, organizado de afogadilho, bem como os exércitos aliados, foram «canja», tendo sido derrotados em todas as batalhas travadas, tanto na metrópole como nos Açores.

Filipe II, perante o fracasso dos seus antagonistas, apoderou-se de Portugal. Porém, ao tomar conhecimento que D. António fazia diligências no Minho com o intuito de concentrar forças para se lhe opor, enviou arautos a esta província, proclamando que daria elevada recompensa a quem denunciasse o paradeiro do ex-Prior ou o dos seus encobridores. D. António, vendo a sua cabeça a prêmio e os seus movimentos cerceados, precaveu-se, escondendo-se até preparar a fuga para junto dos monarcas que tentaram ajudá-lo.

Ninguém o denunciou! Valeu-lhe, certamente, a simpatia que o Povo lhe tributava, bem como o respeito e consideração que o mesmo Povo nutria pelas famílias ilustres que lhe deram guarida. Entre os fidalgos

que o acolheram e esconderam, figuravam os titulares de Anha e de Vila Fria que, mediante as circunstâncias, não ganharam para o susto.

Felizmente tudo correu bem.

Mais tarde, quando tudo serenou e os riscos em que se envolveram tinham desaparecido, as residências senhoriais destas duas ilustres famílias foram agraciadas com a honrosa designação de Paço de Anha e Paço de Vila Fria.

Realmente, estas duas nobres mansões albergaram um rei!

Um rei perseguido, acochado, meteórico, fugaz, não importa, foi rei!

Um rei a quem não deram tempo de aquecer o respaldar do trono...

Também uma boa parte dos seus frustrados apoiantes foram obrigados a abandonar o reino precipitadamente, procurando salvar a pele, melhor dito, a cabeça.

Entre estes fugitivos, figurava o vigésimo senhor do Couto de Azevedo, o já citado, Martim Lopes de Azevedo, altamente comprometido, pois levava a sua ousadia, o seu arrojo, a ponto de mandar erigir uma forca, destinada a supliciar os rebeldes à causa por si defendida.

Quando o usurpador, Filipe II de Castela e I de Portugal se apoderou deste último país, na impossibilidade de deitar a mão a este seu declarado inimigo, obrigando-o a prestar restritas contas, limitou-se a confiscar-lhe os bens.

Esta medida, a par de outras vicissitudes, deitou por terra todos os «frutos» colhidos pelo décimo oitavo senhor do aludido Couto, seu avô e homónimo, após ter sustentado exaustivo e demorado pleito judicial, contra seu primo, Pedro Lopes de Azevedo, senhor de S. João de Rei, que injustamente lhe disputara os seus legítimos direitos de chefe de família e, consequentemente, os de morgado. Assim, as valiosas e recém-recuperadas propriedades inseridas no Couto de Terras do Bouro o Casal de Lousa, sito em Prado, bem como as que já possuíam, passaram para a Coroa.

Espoliado das suas propriedades, esbulhado dos rendimentos que estas lhe proporcionavam, foragido em terra alheia, valeram a este auto-exilado, as remesas pecuniárias que os seus parentes lhe enviaram.

Foram, contudo, os parentes da sua consorte, aqueles que mais se bateram para lhe obterem o perdão e abreviar o seu regresso ao país. Isto, porém, só foi possível já no reinado de Filipe III, e ficou a dever-se a uma tia de sua mulher, dama de grande influência na corte, D. Leonor de Mascarenhas.

Além do perdão, foi-lhe permitido habitar a Torre de Azevedo como sua, pois, as restantes propriedades, continuaram a pertencer à Coroa.

Todavia, Martim de Azevedo, foi, pouco a pouco, recompondo o seu desfalcado património, graças aos ricos parentes que, sem herdeiros forçados, canalizaram em seu proveito, por intermédio de testamentos, grandes legados, como, por exemplo, o Paço de Remelhe e, mais tarde, em vida dos seus descendentes, os Coutos de Mazarefes, Parabela, Castro, etc.

Sua mulher, D. Leonor da Silva, era filha de Álvaro Pinheiro Lobo de Lacerda, Alcaide-mor de Barcelos, morgado de Pouve, padroeiro de Cristelo, etc, e de sua terceira mulher, D. Francisca da Silva, emparentada, embora por bastardia, com os Alcoforados da Silva, senhores do morgadio da Silva, cujos descendentes, legaram, já em

nosso dias, uma grande parte à Congregação do Espírito Santo que, nela, instalou mais um dos seus prestimosos Seminários.

Álvaro Pinheiro era, por sua vez, directo descendente dos Pinheiros de Outis, representantes de uma das mais antigas e genuínas famílias portuguesas, pois já no tempo do rei D. Dinis, a sua antiguidade e nobreza eram assinaláveis.

Este tronco estava muito espalhado aqui no Norte, especialmente em Barcelos e seu termo.

Os antigos senhores do morgadio da Quinta Velha, mais tarde também conhecido por morgado das Barretas, cujo recinto é mais conhecido entre nós por Portais do Filipe, eram originários desta família, embora, por razões que desconheço, as suas insígnias não figurem no brasão.

Quanto aos mais recentes donatários do Couto ou Honra de Azevedo, eles foram distinguidos por carta régia de D. Maria II, datada de 23-11-1876, na qual lhes era conferido o título de 1.º Conde de Azevedo, na pessoa de Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira de Sá Coelho.

O 1.º Conde de Azevedo, muito culto e estudioso, possuidor de uma importante biblioteca, passou parte do seu tempo encerrado nela, escrevendo obras de certo vulto. Depois de muito instado, embora contrafeito, envolveu-se na política, exercendo importantes cargos no governo, durante o difícil período que se seguiu à Guerra Civil, desencadeada entre os partidos que apoiavam os dois irreconciliáveis irmãos, os reis D. Pedro e D. Miguel.

Embora fosse casado, não deixou descendência, pelo que lhe sucedeu nos bens e nos títulos, um sobrinho, Pedro de Barbosa Falcão de Azevedo e Bourbon.

Foi-lhe concedido o título de 2.º Conde de Azevedo pelo rei D. Carlos a 14-07-1905. Este titular foi um homem muito activo e empreendedor, tomando iniciativas que muito beneficiaram a pesca e a agricultura, especialmente Entre Minho e Douro. Muito apaixonado por política, nessa quadra difícil que antecedeu e se prolongou após a implantação da República, deixou uma extraordinária folha de serviço.

O 2.º Conde de Azevedo era muito amigo do malgrado militar Sidónio Pais, embora de ideais políticos diferentes, pelo que, quando foi proclamada a Monarquia do Norte, o Conde sobraçou quatro pastas ministeriais, durante o Governo Provisório.

Este empreendimento fracassou pelo que Sidónio Pais foi assassinado, e o Conde, entre outros, foi preso. Mais tarde, após a libertação, instalou-se em Espanha, afastando-se assim do ambiente nacional que lhe era desfavorável.

Decorrido algum tempo radicou-se em Moçambique, fazendo parte de uma grande empresa.

Creio que a antiga residência senhoria dos Pereiras e Azevedos, sita em Mazarefes, continua a ser propriedade dos filhos do 2.º Conde de Azevedo.

Manuel Saleiro

OBRAS CONSULTADAS

Nobiliário de Toris, de Manuel de Sousa da Silva; Nobiliário das Famílias de Portugal, de Felgueiras Gato; História de Portugal, de Fortunato de Almeida; Arquivo do Alto Minho, de Norberto Gonzaga.

«Na vida só há um modo de ser feliz: viver para os outros».

Tolstoi

Serviço de Entreaajuda e Documentação Conjugal

Nos dias 20 e 21 de Outubro de 1990, no Centro Apostólico do Sameiro, realizaram-se as 1.ª Jornadas Nacionais de Formação do Serviço de Entreaajuda e Documentação Conjugal — S.E.D.C., em que participaram mais de 300 pessoas, sendo sobretudo casais (na sua maioria jovens); Sacerdotes, Médicos e Enfermeiros. Vários foram os casais da nossa paróquia que participaram.

Foram tratados os temas: sexualidade; ciclo feminino — fisiologia da reprodução — sinais de fertilidade; contracepção farmacológica; mecanismos da fecundação e seus distúrbios; regulações dos nascimentos em 1990; acolhimento à mulher em situação de angústia, orientações da Igreja sobre a vida conjugal e familiar.

Também foram apresentadas, sob a forma de testemunhos, diversas experiências de utilização dos métodos naturais de regulação dos nascimentos, ou métodos de Conhecimento e Auto-Observação, com especial participação da «Formação e Acção de Grupos Paroquiais». E, complementariamente, foram descritos os objecti-

vose e a história da Entreaajuda Conjugal no Mundo.

Os temas tratados e os testemunhos apresentados suscitaram vivos debates, denunciando situações e sugerindo soluções para os muitos problemas que os casais desejariam que fossem devidamente equacionados e resolvidos:

a) Na formação dos profissionais de saúde: que seja dado aos Médicos e aos Enfermeiros um ensino completo e correcto sobre as investigações científicas e as experiências, a nível mundial, acerca da sexualidade e da vida conjugal no campo da regulação dos nascimentos pelos métodos naturais.

b) Na actuação dos Médicos e dos Centros de Saúde: que exerçam uma acção de acordo com orientações da Organização Mundial de Saúde para a promoção dos métodos naturais, apoiando e não perturbando os casais que os consultam, de modo a respeitar totalmente a sua liberdade e dignidade.

c) Na participação e ministério dos Sacerdotes: que estes obtenham a formação e a convicção indispensáveis



para acompanharem os casais na formação das suas consciências e orientá-los, ou encaminhá-los para casais ou pessoas especializadas, de modo a realizar-se na Igreja o Concílio Vaticano II e os Documentos posteriores que o explicitam sobre a Promoção da Dignidade do Matrimónio e da Família, que inclui a santificação dos cônjuges na educação para a castidade, e preparar «auténticos missionários do amor e da vida» (Familiaris Consortio, 54).

d) Na corresponsabilidade dos casais na missão da Igreja: que saibam encontrar as estruturas e as formas e meios de acção que permitam desenvolver comunidades eclesiais eficazes, para que todos os elementos das famílias cristãs progredam no caminho da santidade, de harmonia e da felicidade, e tornando-se assim sal, luz e fermento evangélicos do Mundo.

e) Nas Escolas: que a nível oficial se regulamente uma adequada educação sexual e se preparem leigos especializados para a sua aplicação, em ordem à formação integral dos jovens.

Obras Paroquiais

Estão a decorrer, na nossa igreja, obras de restauro e beneficiação, na Sacristia Norte e na Tribuna do Altar-Mor, as quais consistem na colocação de placas de betão nos tectos e revestimento dos mesmos com madeira adequada, nova instalação eléctrica, colocação de piso lagueado e novos armários mais funcionais na Sacristia, e colocação de novas escadas e placa de betão para assentar o camarim da Tribuna. Estes trabalhos já de há muito previstos e reclamados, principalmente por

aqueles que têm de utilizar estas dependências, só agora uoderam ser executados. Sendo, obra de todos, e para todos os cristãos desta paróquia, esperamos que todos contribuam na medida das suas possibilidades para que tudo seja pago no mais curto espaço de tempo.

SEMANA MISSIONÁRIA

— BODAS DE PRATA SACERDOTAIS DO P. VITORINO
— BODAS DE OURO DAS IRMÃS DO ESPÍRITO SANTO



IDE POR TODO O MUNDO...

TEVE LUGAR DE 20 A 28 DE SETEMBRO

Os Missionários do Espírito Santo estiveram presentes no seio desta paróquia, no decorrer desta semana, com o objectivo de ajudar a reavivar a sua consciência missionária, nas comemorações dos 50 ANOS DE PRESENÇA DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DO ESPÍRITO SANTO, em Portugal e das BODAS DE PRATA SACERDOTAIS DO PADRE VITORINO.

Estes missionários, trouxeram uma mensagem que comunicaram a todos aqueles que, nesta terra, constituem o Povo de Deus: crianças, jovens e adultos.

Mas esta mensagem não é deles... Trata-se de uma mensagem de Deus para os homens dos nossos dias, sobretudo para aqueles que possuem o dom precioso da Fé cristã e foram chamados à dignidade e missão de membros do Corpo de Cristo que é a Igreja...

Ponte do Sebastião

A Associação de Defesa do Ambiente «Rio Neiva», com sede em Antas, Esposende, levou a efeito, no último fim-de-semana, obras de recuperação da «Ponte do Sebastião», que liga, sobre o mesmo rio, aquela freguesia à de Castelo do Neiva, no concelho de Viana do Castelo.

A ponte em causa, que serve grande número de habitantes dos lugares de Guilheta, Antas, e de Moldes, Castelo do Neiva, encontrava-se em estado bastante precário, devido à queda de

algumas pedras do extremo sul do tabuleiro, correndo mesmo o risco de ruir, no próximo Inverno, se não se fresse estas obras de beneficiação.

A iniciativa, que contou com a imediata adesão das Juntas de Freguesia locais, integra-se no Plano de Actividades daquela Associação, que se propõe promover também a recuperação de outras pontes que integram o património do Vale do Neiva e se apresentam degradadas.

S. Paio D'Antas e a Congregação do Espírito Santo

Vem da 1.ª pag.

com tanta naturalidade como se menino fosse ainda.

Esta alegria e simplicidade, mantidas ao longo de toda a sua adolescência e formação, foram, sem dúvida, a grande força humana que deu início ao grande enraizamento da Congregação do Espírito Santo em S. Paio d'Antas.

Com efeito, aquando da sua Missa Nova em Outubro de 1945, o Sr. Padre Manuel Augusto, além de ter já «arrastado» para os bancos dos Seminários da Silva, Godim, Fraião e Viana sete conterrâneos seus, já via bem arreigados na paróquia os, ainda hoje bem vivos, movimentos da Associação de Nossa Senhora de África e da LIAM.

O dinâmico e inesquecível Sr. Padre José Felício, apoiado entusiasticamente pelo saudoso e, então pároco, Sr. Padre António Ferreira, foi o grande impulsionador, na década de 40, destas animações missionárias, que muito contribuíram, e contribuem ainda, para uma convivência íntima Paróquia/Congregação do Espírito Santo.

Com efeito, entre as múltiplas Congregações e Ordens Religiosas existentes na Igreja, a Congregação do Espírito Santo, a nível masculino, foi a única a ser procurada e escolhida, até hoje, por uma boa trintena de filhos de S. Paio, que, se a ela nem todos ficaram unidos pelos elos da «Profissão», todos lhe ficaram ligados pelos laços da amizade e da gratidão.

Cerca de duas dezenas e meia de filhos de S. Paio (entre os quais eu próprio) foram «chamados mas não escolhidos». Foram caindo ao longo da crivagem e atirados pela vida para os mais variados locais e profissões, mas todos com marcas bem vincadas dos bancos por que passaram, servindo, cada um a seu modo, a causa que Deus lhes confiou e honrando, creio eu, a terra que lhes foi berço e a Congregação que lhes foi escola.

Outros foram mais fortes e, mantendo-se firmes, ficaram pertencendo ao grupo dos «escolhidos». Esses passaram a ser, além de filhos de S. Paio, filhos também da Congregação, à qual se comprometeram a servir, repartindo as suas vidas pelos vários

campos de apostolado e de serviço que, ao longo do tempo, lhes vão sendo indicados.

Esses, sem dúvida, merecem muito mais a estima e a admiração da terra que lhes foi berço e da Congregação que lhes foi e é escola. A eles se deve a grande e íntima ligação entre estas duas porções de uma mesma Igreja.

Datas altas e bem marcantes da união destas duas partes tão distintas mas tão próximas foram, sem dúvida, as das já distantes Ordenações e Missas-Novas desse grupo de conterrâneos que «deixaram pai, mãe, irmãos, terra...» e se entregaram total e incondicionalmente à evangelização das gentes mais carenciadas:

1945 — P.º Manuel Augusto Ferreira.

1954 — P.º António Fernandes de Sá e Manuel Alves Laranjeira (falecido).

1955 — P.º Domingos da Cruz Neiva

1956 — P.º Dr. Adélio de Almeida Torres Neiva.

1965 — P.º Domingos Matos Vitorino.

1968 — P.º Ernesto de Azevedo Neiva.

A este elenco, sem esquecermos tantas outras pertencentes a diversas Ordens, devemos juntar a Irmã Emília Matos Vitorino, também ela membro da Congregação do Espírito Santo, cujo campo de acção foi, durante muitos anos e até há pouco, as terras inóspitas de Cabo-Verde.

Depois de uma SEMANA MISSIONÁRIA dirigida e animada, na nossa Paróquia, por Padres daquela Congregação, rematada com a comemoração das bodas de prata da Missa-Nova do Sr. P.º Vitorino, todos nos devemos sentir mais unidos e, de mãos dadas, pugnarmos, cada um segundo as suas posses e capacidades, pela cristianização deste mundo indiferente e apático em que, hoje, vivemos.

Que o Senhor desperte muitas e santas vocações missionárias!

António Saleiro

BOM HUMOR. RIA...

Na prisão

— Porque é que estás preso?

— Apenas por um azar. Queria roubar uma casa e andei durante três meses a domesticar o cão. Na noite do roubo, o destino não me ajudou.

— Porquê?

— O cão não ladrrou, mas pisei o rabo do gato e ele miou!

Luz verde

A avózinha leva o neto à igreja. Durante algum tempo fica calado e quieto, mas depois começa a ficar impaciente. Apontando para a luz vermelha junto do sacrário, exclama:

— Avó, quando aparece a luz verde podemos ir embora, não é verdade?

O tecto da igreja

Um pároco de aldeia, durante o sermão diz aos seus fiéis:

— Meus caros filhos, fiz um grande apelo à vossa generosidade para reparar o tecto da nossa igreja. Agora, com o dinheiro recebido posso, finalmente, comprar duas bacias para recolher a água quando chove.

Entre amigos

— Tive muito pouca sorte.

— Mas o que é que te aconteceu?

— Passei uma noite a fazer um poema aos cabelos negros da minha namorada, e ela aparece hoje com os cabelos loiros.

LEDOS IMÓVEIS, LDA.

DIRECÇÃO DE:

J. A. NEVES FERREIRA

-- VENDEMOS

- Apartamentos no Porto e Algarve.
- Andares no Porto e arredores.
- Moradias, prédios e terrenos em diversos pontos do país.

-- COMPRAMOS

- Terrenos em qualquer parte do país, junto à orla marítima.

SE TEM DINHEIRO PARA INVESTIR EM PRÉDIOS, NÃO DEIXE DE NOS CONSULTAR

RUA SÁ DA BANDEIRA 819 - 7.º ESQ.º
4000 PORTO -- TELEF.: (02) 323167 / 313607